

Por uma Educomunicação Indígena: experiência do Programa Nas Ondas do Rádio junto aos educadores guaranis em São Paulo

DÉBORA MENEZES
CARLOS ALBERTO MENDES DE LIMA

Introdução

Este relato apresenta a experiência de formação educacional junto aos educadores indígenas dos Centros de Educação e Cultura Indígena (CECIs) das três aldeias da etnia Guarani *Mbya*, em São Paulo (Krukutu e Tenondé Porã, na zona Sul, e Tekoa Pyau, na região do Jaraguá). O processo é realizado pelo programa Nas Ondas do Rádio, proposta pedagógica da Secretaria Municipal de Educação (SME) que se baseia no conceito de Educomunicação, onde se utiliza a linguagem midiática no processo de ensino-aprendizagem. As atividades são um grande desafio a formadores do programa, que precisam se abrir a uma prática de atividades educacionais onde, como propõe Ladeira em relação à educação indígena,

... a prática educativa deve ser uma “prática referenciada”, uma atividade que não se define em si mesma, mas segundo a realidade e as expectativas dos grupos indígenas, que é o que confere significação e realidade concretas à educação indígena. (LADEIRA, 2004, p. 151)

Como será apresentado a seguir, a experiência é positiva enquanto parte de um processo de valorização da cultura guarani, que inclui ainda a ampliação da autonomia pelos educadores indígenas em relação a apropriação dos meios e o desenvolvimento da expressão

comunicativa dos participantes. São contribuições do campo da Educomunicação onde trabalhar a técnica de produção de vídeo, fotos, páginas nas redes sociais e outros meios pode se transformar, nas palavras de Martín-Barbero (2004, p. 189), “em um terreno de luta, da luta por se fazer ouvir” – e não só proporcionar interatividade entre crianças e educadores nos CECIs.

Breve histórico do Nas Ondas do Rádio

O programa Nas Ondas do Rádio surgiu a partir do projeto Educom.Rádio, desenvolvido pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE-USP) junto a escolas municipais da capital paulista, em 2001. À época, foi oferecido um curso de 100 horas de duração a 12 mil professores, alunos e membros de 455 escolas do município, visando a construção da cultura de paz no ambiente escolar¹. Três anos após a iniciativa, foi possível articular a criação da Lei Municipal no 13.941/04, instituindo o Programa de Educomunicação Pelas Ondas do Rádio² como política pública. Em 2009, a SME-SP oficializa a Portaria no 5792/09, definindo normas e procedimentos para a implementação do Programa Nas Ondas do Rádio na rede municipal de ensino; atualmente, essa portaria está sendo revista pela secretaria e deve incluir objetivos específicos para os CECIs.

Embora sob o nome Nas Ondas do Rádio, o programa incentiva o desenvolvimento de vários suportes midiáticos pelos professores da rede. A atuação do programa se dá por meio de formação de educadores (presencial e a distância), acompanhamento de projetos e incentivo a atividades com equipes de Imprensa Jovem (onde alunos e educadores fazem cobertura de eventos como a Bienal do Livro, contando com apoio do programa).

O contexto dos CECIs, dos guaranis à educação indígena

Os Centros de Educação e Cultura Indígena (CECIs) foram criados em 2004 nas três aldeias indígenas da etnia Guarani *Mbya* em São Paulo: Tekoa Pyau, na região do Jaraguá; Krukutu e Tenondé, na zona rural da região de Parelheiros. Criados em articulação conjunta entre o Poder Público municipal à época, e lideranças indígenas, os CECIs atuam junto a aproximadamente 260 crianças de 0 a 5 anos e 11 meses. Há 30 educadores para essa função, segundo informações da SME e da ONG Opção Brasil, que administra os CECIs em convênio com a Prefeitura.

1 Informações do site do NCE-USP, disponíveis em: <http://www.usp.br/nce/?wcp=/oquefazemos/texto,4,52,30>. Acesso em 25 mai 2015.

2 Lei Municipal no 13941/04, disponível em: http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=29122004L%20139410000. Acesso em 25 mai 2015.

Antes de prosseguir é preciso conhecer um pouco sobre os Guarani *Mbya*. Espalhados pelas regiões Sul e Sudeste (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro), na capital paulista esta etnia indígena representa atualmente uma população de aproximadamente 2014 pessoas³, com laços de parentesco entre as três aldeias em São Paulo e em outras localizadas fora do Estado onde a mobilidade é frequente para a visita a parentes e intercâmbios entre as *tekoas* (aldeias). O modo de vida tradicional dos Guaranis inclui plantações de milho e mandioca para o consumo local, a produção de artesanato com madeira, cipós e sementes, a ainda a vida social e espiritual na *Opy* (Casa de Reza), espaço de rituais e também de reuniões da comunidade e suas lideranças. A língua falada é o guarani, mais do que o português.

A luta por espaço é um dos desafios dos Guaranis em São Paulo, sendo que a população do Jaraguá com a situação mais problemática: além de se aproximar mais do meio urbano do que as outras aldeias da capital, a Terra Indígena Jaraguá tem apenas 1,7 hectares e aguarda desde o dia 29 de maio de 2015 a assinatura da presidenta da República, Dilma Houssef, para ter sua ampliação homologada e reconhecida⁴. A Terra Indígena Tenondé Porã (com 15.969 hectares), na região Sul de SP, ainda aguarda emissão de portaria declaratória do Ministério da Justiça. Há mais outras duas aldeias ocupadas por guaranis que não foram ainda nem mesmo demarcadas pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), órgão que precisa oficializar as terras indígenas antes da assinatura do Ministério da Justiça e da presidência da República. São elas: a aldeia Guyrapaju, em São Bernardo do Campo (região da grande São Paulo) e a aldeia Kalipety (em Marsilac, também na região Sul de SP)⁵.

Os CECIs são espaços muito importantes para as três aldeias. Além de terem sido construídos com o acompanhamento das lideranças locais, atualmente a relação dos centros com

3 Dados informados pela Unidade Básica de Saúde do Jaraguá e pela SME-Diretoria Regional de Ensino (DRE) Capela do Socorro, em 1 jun 2015. No Jaraguá, segundo a UBS, vivem 654 pessoas; e segundo Cristiane Carvalhais, da DRE Capela do Socorro, há 1160 pessoas na aldeia Tenondé Porã e 200 pessoas na Krukutu.

4 Em 29 de maio de 2015, o Ministro da Justiça Eduardo Cardozo assinou uma portaria que declara um terreno de 532 hectares como território tradicional guarani, área que desde 2013 foi delimitada como Terra Indígena pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Nessa área está incluída a Tekoa Pyau, onde está localizado o CECI Jaraguá, e a Tekoa Itu. Fonte: Ministro da Justiça assina portaria que define território guarani em SP, jornal O Estado de São Paulo, disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,ministro-da-justica-assina-portaria-que-define-territorio-guarani-em-sp,1697111>. Acesso em 30 mai 2015.

5 Informações da Comissão Guarani Yvyrupa. Disponíveis em: < http://campanhaguaranisp.yvyrupa.org.br/?page_id=78>. Acesso em 29 jun 2015.

a comunidade é grande. O documento sobre a proposta político-pedagógica do CECI (SME, 2014, p. 4 e 5) explica que:

... cultura, religiosidade e educação, na perspectiva Guarani Mbya, não constituem esferas distintas da vida social, mas compõem um todo indissociável que se alimenta continuamente das experiências cotidianas vivenciadas por essa comunidade nos vários espaços da aldeia, como: a casa de reza (*Opy*), na mata, e atualmente, os espaços dos CECI de uso coletivo.

As crianças fazem atividades diversas como desenhar, brincar, mas o referencial da cultura Guarani está presente na contação de histórias, nas atividades tradicionais como a trilha na mata, a brincadeira do arco-e-flecha, o fazer da comida considerada também tradicional (como assar milho na fogueira, entre outros), o canto e a reza na *Opy* e o artesanato. O conhecimento, seguindo a tradição guarani, “é transmitido pela observação, sem a intenção explícita de ensinar” (SME, 2014), e envolve as próprias atividades cotidianas das aldeias.

Além disso, os CECIs contam com salas de informática e internet, onde crianças utilizam as máquinas para joguinhos, programas de pintura e quebra-cabeça, entre outros. Os equipamentos são utilizados também por moradores da comunidade. Tenondé Porã e Jaraguá contam ainda com sinal de internet sem fio, de livre acesso, desde o final de 2014.

Nas Ondas do Rádio nos CECIs

Em 2011, o pesquisador Páolo Miranda Baez desenvolveu uma pesquisa participante junto a três escolas da capital paulista, com o objetivo de que interagissem entre si a partir de diálogos sobre cultura de paz e meio ambiente. Essa interação se deu principalmente por meio de vídeos, onde crianças da aldeia guarani Jaraguá participaram. A atividade foi construída em parceria com a coordenação do programa Nas Ondas do Rádio da SME, a aldeia guarani do Jaraguá e ainda a equipe de Imprensa Jovem do CEU São Carlos.

Em conjunto com os CECIs, a SME, por meio de parceria entre o programa Nas Ondas do Rádio e o setor de Informática Educativa da secretaria decidiu investir em formação em educomunicação dentro do programa. Os centros receberam equipamento de rádio (mesa e caixas de som, microfones), somando-se às salas de informática. Ainda em 2011 uma formadora do programa dedicou-se, junto com o coordenador, para a realização de oficinas para o aprendizado sobre rádio e produção de *blogs*, estimulando os educadores a publicar sobre as atividades dos CECIs na internet, além de produzir spots e programas de rádio; a

primeira oficina foi voltada para refletir sobre o significado da tecnologia para as aldeias e criar relações entre as práticas educomunicativa e o exercício pedagógico dos CECIs.

À época, a “rádio ao vivo” funcionou principalmente no CECI Jaraguá, tocando música e fazendo interações com as crianças. E a SME incluiu recomendações sobre Educomunicação em uma publicação bilíngue (em guarani e em português) contendo orientações curriculares para a Educação Infantil Escolar Indígena. Implementado por iniciativa da Diretoria de Orientação Técnica da secretaria, que coordena tanto a Educação Infantil quanto o programa Nas Ondas do Rádio, o documento foi construído a partir do referencial dos educadores em encontros formativos. No texto sobre Educomunicação, há uma avaliação inicial da formação realizada entre 2011 e 2012, pelos próprios participantes, que indica a importância de se trabalhar as ferramentas midiáticas nos CECIs:

O curso de Educomunicação foi muito importante durante a formação continuada, pois hoje em dia temos a ferramenta nas mãos para usar contra as fortes pressões das sociedades não indígenas, resistindo, mostrando valores, nossa cultura e nossa língua, assegurando nossa autonomia enquanto povo. Arquivamos e colocamos as atividades que fazemos no blog, para mostrar à sociedade não indígena como era o ensinamento e a educação entre diferentes gerações (SME, 2012, p. 70).

Em 2013, a formação proposta pelo programa sofreu interrupção. O coordenador do programa Nas Ondas do Rádio, Carlos Lima, realizou algumas visitas nas aldeias para orientar sobre o uso da rádio e tirar dúvidas dos educadores. Finalmente, em 2014 as formações foram retomadas. Reforçando aquilo que foi proposto no início do programa nas aldeias, os objetivos do trabalho junto aos educadores: a valorização da cultura guarani e dos trabalhos desenvolvidos nos CECIs; a criação e prosseguimento de canais de comunicação; a ampliação do protagonismo dos educadores na utilização das ferramentas midiáticas e na expressão comunicativa.

Uma breve descrição e avaliação dos encontros educomunicativos nos CECIs a partir de 2014

Foram realizados encontros formativos quinzenais nos próprios CECIs, com a participação de 13 educadores. Utilizando recursos pedagógicos como rodas de conversa sobre comunicação, produção de biomapa (mapas das aldeias construídos pelos próprios participantes), leitura crítica de mídia, produção de vídeos, fotografias e spots de rádio, houve um

processo formativo que foi se construindo à medida em que os encontros foram se realizando. Embora seguindo recomendações sugeridas pelos coordenadores, essa construção dos conteúdos dos encontros, aos poucos, foi necessária para a responsável pela formação se familiarizar com o grupo de educadores, com conhecimentos desiguais em informática – parte do grupo não tinha familiaridade com o básico dos computadores, desse ligar a máquina até acessar as redes sociais.

Os conteúdos também foram se adaptando conforme as demandas do grupo. No primeiro semestre de 2014, por exemplo, os guaranis participaram de atos de mobilização pela demarcação das terras indígenas no Centro e na avenida Paulista, em São Paulo. Embora as formações do programa Nas Ondas estivessem no início das atividades, as fotos e reportagens sobre o assunto renderam exercícios para se refletir sobre a visão que se tem na imprensa sobre as questões indígenas. Além disso, em muitos dos encontros – realizados na maioria das vezes nos laboratórios de informática – havia crianças, que acabaram participando das atividades inicialmente voltadas para os educadores depois reaplicarem com as próprias crianças.

Diversos exercícios foram feitos também com os equipamentos de rádio dos CECIs. No Jaraguá, com a rádio funcionando quase 100%, foi possível interagir com crianças fazendo programas de rádio ao vivo, que também foram gravados em arquivo digital (podcast). No Krukutu, uma apresentação musical com violão e voz da garotada também foram gravados, mas em vídeo. Algumas músicas feitas pelos próprios educadores do Jaraguá, foram gravadas e inseridas nas produções de vídeos com fotografias de atividades do CECl.

O vídeo, aliás, foi o recurso mais utilizado durante as formações em 2014. Por vários motivos: pela atração da mídia em si; pelos equipamentos da rádio não estarem funcionando plenamente; pela dificuldade dos educadores em se familiarizarem com a ferramenta blog (na maioria em inglês). Além disso, com o uso da rede social Facebook, a princípio parece mais fácil publicar fotos, vídeos, notícias, diretamente na rede, do que em um blog e posteriormente na rede. Embora blogs sejam ferramentas úteis de memória e organização, não foi possível desenvolvê-los ao longo das formações propostas.

Na produção de vídeos e de fotos, o interesse dos educadores foi maior durante o processo de construção das histórias. A partir de lendas tradicionais, foram criadas animações com massa de modelar, seguindo de maneira bem simples uma técnica denominada stop-motion, que utiliza uma sequência de fotografias editadas de tal forma a darem impressão de movimento. Coletivamente as histórias foram construídas, com os educadores manipulando os equipamentos, escolhendo cenários. No momento de edição, a formadora ou um

dos educadores ficada responsável por realizar o processo no computador, com todos os outros observando.

Em muitos momentos, a formadora falava em português, alguém traduzia para o guarani para os participantes, muitos falavam em guarani e se traduzia parte das falas para o português. É interessante observar que, nas tentativas de orientar os educadores a trabalhos “isolados” (cada um em um computador) não houve bons resultados, gerando muita dispersão; os participantes das oficinas ficam sempre mais atentos quando todos estão reunidos numa tarefa, ainda que muitos como observadores.

Também houve a experiência de dois educadores do CECI Jaraguá (além de três jovens da comunidade) na participação de uma cobertura educ comunicativa da Bienal do Livro realizada em 2014, em São Paulo. Foram produzidas entrevistas com escritores indígenas, incluindo um autor da aldeia Krukutu.

Ao todo, foram produzidos mais de 10 vídeos com os CECIs, além de spots e pequenos programas de rádio e a construção de páginas no *Facebook*⁶ dos três centros de educação, bastante divulgados nas redes sociais. As publicações trazem não só o dia-a-dia dos CECIs, mas notícias que interessam às comunidades indígenas, como as mobilizações, republicação de notícias divulgadas em jornais, entre outros.

Em 2015 a formação do Nas Ondas do Rádio praticamente se iniciou em maio. Novamente estão sendo elaborados vídeos, com técnicas de edição um pouco mais elaboradas. Além de gravação de entrevistas, a criatividade dos educadores está sendo motivada para a construção de novas histórias. No CECI Tenondé Porã, por exemplo, foi produzido um “filme mudo”, para se experimentar a construção de uma cena sem voz ou texto com sua descrição. Neste ano, a motivação principal de todos é construir mídias que possam ser apresentadas em encontros formativos da SME com todos os educadores dos CECIs, proposta de formação continuada em que há expectativa de intercâmbio e avaliação do que é feito no contexto da Educação Infantil Indígena.

Desafios e expectativas para a educ comunicação nos CECIs

São muitos os desafios em se construir uma proposta de formação educ comunicativa para os educadores indígenas. Para a formadora, não familiarizada com a língua e com a cultura, o maior destes desafios foi a adaptação a uma realidade e tempos diferentes – o que

6 Página no Facebook do CECI Jaraguá: < <https://www.facebook.com/cecijaraguasp?fref=ts>> ; Ceci Krukutu: < <https://www.facebook.com/cecikrukutu?fref=ts>>; CECI Tenondé Porã: < <https://www.facebook.com/cecitenonde?fref=ts>>.

é sempre difícil, pois formações têm uma duração pré-determinada e objetivos a serem cumpridos. Ainda assim, as interações foram positivas e é possível observar uma evolução entre os educadores que participaram das formações em 2014 com maior regularidade, que desenvolveram autonomia com relação ao uso básico das ferramentas e também aos poucos vão ampliando sua capacidade de expressão – comunicação.

Irregularidade nas formações por problemas de horário, transporte para as aldeias; falta de costume com a organização da memória e arquivamento de materiais (fotos, áudios, vídeos); equipamentos defasados ou quebrados e dispersão dos participantes por vários motivos (entre eles o cansaço em tarefas de longa duração, como edição de vídeos maiores) são outros desafios enfrentados nas formações. Tudo isso têm a ver com a estrutura que ainda está sendo construída para permitir o trabalho com os educadores indígenas. Por parte da SME, além das formações educacionais é preciso o conhecimento sobre informática educativa junto aos educadores, com formações específicas a este público, principalmente os monitores dos laboratórios de informática, que precisam se apropriar das ferramentas e equipamentos; e realizar um acompanhamento destes laboratórios para que os equipamentos sejam atualizados e reciclados quando necessário. É um trabalho que deve ser realizado com a sinergia entre o programa Nas Ondas do Rádio e a Informática Educativa da SME.

A valorização das produções educacionais indígenas pela rede também é importante, divulgando esse rico material que registra a cultura guarani e o olhar destes educadores quando utilizam uma câmera fotográfica, uma filmadora. Também é importante haver intercâmbio entre educadores que realizam atividades de educação nas escolas municipais – como as equipes de Imprensa Jovem – e os educadores indígenas, permitindo a troca de conhecimento entre diferentes realidades, que podem também se (re) conhecer por meio de produções educacionais. Entre os educadores, inserir o que produzem em suas comunidades, apresentando os trabalhos em mostras nas próprias aldeias, bem como incluir as crianças em suas produções, podem ser positivos para o fortalecimento de sua identidade.

Por último, convido à reflexão sobre um tema que pode ser encarado como um desafio, ou pelo menos algo a se pensar com educadores que atuam na formação de educadores indígenas. A maioria das produções realizadas pelos CECIs são na língua nativa dos próprios educadores, o guarani. Nem todos são familiarizados com a tradução escrita para o português (ou mesmo do português para o guarani), uma vez que, entre outros, a tradição da língua é oral, e não escrita. Seria isso empecilho para se valorizar as produções

guaranis? A partir da experiência com os CECIs, percebe-se que no momento é importante a valorização da própria língua guarani em primeiro lugar, incentivando, inclusive, que estes educadores se desenvolvam no estudo da própria língua para ampliar sua autonomia e a valorização de sua identidade.

As produções educacionais dos CECIs estão feitas pelos indígenas e prioritariamente voltadas para os indígenas, ainda que se utilizando da linguagem dos meios de comunicação como o vídeo ou o rádio. Assim, garante-se, entre outros, o exercício da expressão dos guaranis como traz a referência de Lourenço (2014, s/n):

No processo de construção de uma sociedade democrática, mais justa e solidária, espaços educacionais são criados para o exercício do direito à informação e liberdade de expressão. Os meios de comunicação são apropriados como objetos de experimentação; como ferramentas que oferecem novas possibilidades de participação e de interação social; como canais de expressividade, de construção de afetos e de compartilhamento de saberes (LOURENÇO, 2014, s/n).

Nas práticas educacionais junto aos educadores guaranis, a resignificação das mídias, inseridas em sua cultura, as tornam instrumentos de luta, divulgação da cultura, diálogo e resistência a partir da valorização da própria língua. É um passo além do ser um “personagem” em reportagens nos meios de comunicação, onde os indígenas são apresentados a partir do olhar *juruá* - na língua indígena guarani, tudo o que representa o “homem branco”. Nos CECIs em São Paulo, os educadores guaranis protagonizam e apresentam, aos poucos, a sua história no mundo *juruá* dos meios de comunicação.

Os vídeos produzidos pelos educadores em 2014 podem ser vistos no link: <http://bit.ly/1F7R0QE>.

Agradecimentos

Aos coordenadores dos CECIs, Tupã de Paula, Adriano Veríssimo e William Macena, à Sonia Barbosa, do CECI Jaraguá, e ainda à Chirley Souza (Opção Brasil) e Cristiane Carvalhaes, da SME-DRE Capela do Socorro, pelo intercâmbio de informações. E a todos os educadores dos CECIs, pela oportunidade de aprendizado e de trocas.

Bibliografia

BÁEZ, Paolo Alejandro Miranda. Projeto “Machuca: somos todos um” – Rede Intercultural de Educomunicação em Ecologia e Cultura da Paz. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

LADEIRA, Maria Elisa. Desafios de uma política para a educação escolar indígena. Revista de Estudos e Pesquisas, FUNAI, Brasília, v. 1, n. 2, p.141-155, dez. 2004.

LOURENÇO, Silene de A. G. Educomunicação: por que precisamos de um novo conceito. In: Congresso Ibero-Americano de Ciência, Tecnologia, Inovação e Educação, 2014, Buenos Aires. Memorias Del Congreso Iberoamericano de Ciencia, Tecnología, Innovación y Educación, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Ofício de cartógrafo. Edições Loyola: São Paulo, 2004.

SME-SP. CECI – Centro de Educação e Cultura Indígena: Proposta Político-Pedagógica. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação, 2014. Disponível em: http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Documentos/PPP_CECI_2014.pdf. Acesso em 29 mai 2015.

_____. Orientações Curriculares: Expectativas de Aprendizagens e Orientações Didáticas. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação, 2012.

OS AUTORES

DÉBORA MENEZES - Débora Menezes é jornalista e educadora ambiental, mestranda em Divulgação Científica e Cultural do Laboratório de Jornalismo Avançado da Universidade Estadual de Campinas (LABJOR-UNICAMP), Campinas, SP, formadora do programa Nas Ondas do Rádio – Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (2014). debieco@uol.com.br

CARLOS ALBERTO MENDES DE LIMA - Carlos Alberto Mendes Lima é formado em Letras e radialista, especialista em Educomunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) Atua como coordenador do Programa Nas Ondas do Rádio, ligado à Diretoria de Orientações Técnicas da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME-DOT). bettomendes@pop.com.br